

Presença da obra de José Saramago no Brasil: a chegada

Pedro Fernandes de Oliveira Neto

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

ABSTRACT

The story of José Saramago's work in Brazil is still waiting to be written. This article presents itself as a contribution in this direction. It is a sociological piece of literary habits, given the interest of socio-historical description of the consolidation of a literary work in the symbolic economy of a country. The time frame, designated as arrival, covers the late 1970s and mid-1988, prioritizing two printed newspapers from São Paulo and Rio de Janeiro as sources. Therefore, it is a way of starting to tell a story, which is still waiting to be told.

Keywords: Sociology of Literature, Cultural journalism, Literary habit, Literary reception, José Saramago.

A história sobre a presença da obra de José Saramago no Brasil ainda espera ser escrita. O que se apresenta neste artigo é algum contributo nesse sentido. Trata-se de uma peça de sociologia dos hábitos literários, dado o interesse de descrição sócio-histórica sobre a consolidação de uma obra literária na economia simbólica de um país. O recorte temporal designado como chegada cobre dos finais da década de 1970 e meados de 1988, priorizando como fonte dois jornais impressos de São Paulo e Rio de Janeiro. Trata-se, portanto, de uma maneira de iniciar a contar uma história à espera de ser contada.

Palavras-chaves: Sociologia da literatura, Jornalismo cultural, Hábito literário, Recepção literária, José Saramago.

Introdução

A literatura de José Saramago é pródiga em circunstâncias nas quais o homem se apresenta enlacado com a multiplicidade dos dados históricos e a tarefa de (se) decifrar a (na) ordem no caos. Dois instantes são singulares: o revisor Raimundo Benvindo Silva às voltas entre o oficial e o oficioso na história do cerco de Lisboa; e o escrivão Sr. José na aventura de constituir a biografia para uma mulher desconhecida que se manifesta enquanto verbete casualmente entre o seu interesse em refundar o oficioso pelo oficial na coleção elaborada com figuras famosas que propositalmente adulteram seus dados públicos para parecer uma sendo outra pessoa. Também o itinerário que agora se apresenta, uma tentativa de trazer a luz uma história por escrever — a história da chegada, presença e recepção da obra de José Saramago no Brasil — se fez de inquietações parecidas. É, se muito, um exercício de iniciante, uma revisão, mas uma tentativa de lançar alguma luz num extenso, labiríntico e escuro arquivo.

O que aqui se apresenta é algum contributo para uma tarefa tão cara e alguma vez enfrentada por outros pesquisadores. Sim, esta peça não é a primeira, tampouco a original¹. O curso do seu desenvolvimento e os interesses, sim, talvez sejam outros. Não ignora os postulados da Estética da Recepção — mesmo porque questiona alguns, o que não é o caso para agora —, mas não encontra neles seus pressupostos. Esses são outros. Mais o de uma sociologia dos hábitos literários, ou ainda, os de uma descrição sócio-histórica sobre a consolidação da obra e de um escritor na economia simbólica de um país.

Impossível abraçar todas as vias possíveis dessa história, este texto se concentra no instante designado como *chegada*, um período que cobre entre os anos imediatamente anteriores ao da publicação do primeiro livro do escritor português no Brasil e os anos do seu estabelecimento, delimitados aqui a partir de 1988, ano quando sua obra é adquirida por um grande grupo editorial e alcança presença expressiva e contínua no restante do país. É verdade que retrocedemos até antes da curva de abertura do recorte temporal proposto e avançamos por alguns anos adiante à consolidação da sua presença brasileira, mas o recorte temporal

¹ Sublinhamos três trabalhos importantes. Os dois primeiros se fundamentam na constituição da formação do público leitor e investigam a recepção da obra de José Saramago no meio acadêmico, examinando pesquisas que resultaram em teses, dissertações e livros; trata-se da tese *José Saramago, do romance histográfico ao alegórico: a recepção de sua ficção*, de Quênia Regina Matos dos Santos apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, 2019), e do artigo “A recepção crítica de José Saramago no Brasil”, de Bruno Brizotto e Cecil Jeanine Albert Zinani publicado na 11ª edição da Revista *Desassossego*, (jun. 2014, 103-112). O terceiro é o artigo “Uma questão de *timing*: aspectos da consagração de José Saramago no Brasil”, de Margaria Rendeiro, na 20ª edição da *Via Atlântica* (dez. 2011, 23-37).

contemplado circunscreve uma região que chamaríamos de desconhecimento do nome do escritor e da sua obra.

Priorizamos nesse intervalo de tempo apenas um suporte, o jornal impresso, e a amostra abrange a mídia circulante nas duas cidades que funcionam como portas de entrada para os materiais culturais que chegam de fora do Brasil: São Paulo, cidade onde está situada a primeira casa editorial da obra saramaguiana, e Rio de Janeiro. Escolhemos os jornais especificamente porque, sendo, na época em estudo, um meio de comunicação predominante entre os leitores letrados, é ainda o veículo de comunicação direta, o atravessador de novidades entre os campos sociais variados no tempo em recorte. Embora o nosso interesse não recaia sobre a recepção acadêmica da obra de Saramago — território que sabemos da sua fertilidade desde a vigência dos primeiros estudos de fôlego — registre-se que essas duas cidades funcionam como os principais centros de interesse em literatura e cultura portuguesas no Brasil.

De cada cidade, recortamos dois veículos dos mais consolidados: *O Estado de São Paulo* e a *Folha de São Paulo*, da cidade em título; e o *Jornal do Brasil (JB)* e *O Globo*, do Rio de Janeiro. Em cada um deles, levantamos materiais diversos: anúncios e notas de divulgação, comentário e recomendação de personalidades, matéria sobre as obras de interesse e o escritor, resenhas e textos de opinião centrados nos romances em questão ou mencionados noutros textos sobre a obra de José Saramago, listas de mapeamento dos livros mais vendidos, entrevistas ou artigos com e sobre o escritor. Isto é, todo e qualquer material que contribua de alguma maneira para a sociabilidade do livro e seu autor.

Esta é uma investigação de arquivo e considera os materiais disponibilizados na Hemeroteca Digital Nacional, no caso do extinto *JB*, e nos registros próprios dos demais jornais, todos acessíveis a partir de consulta eletrônica aos seus acervos. Nos casos gerais sempre podem escapar dados devido às limitações de variada ordem: as condições de legibilidade dos materiais, as ausências de disponibilização completa das digitalizações dos arquivos, outras falhas de digitalização ou as dos seus mecanismos de busca que podem se fazer ilegíveis o assunto de pesquisa mesmo depois de testadas possibilidades diversas e modos diversos de investigação.

O que aqui se desenha, portanto, é ainda a exposição e leitura de uma mostra, jamais definitiva. Logo, exceto as leituras interpretativas dos dados, variáveis apenas se variáveis for os dados, as conclusões que levantamos são todas provisórias, em devir, estão circunscritas, portanto, apenas ao corpus organizado. De toda maneira, é algum rastro de luz na extensa conservatória, uma maneira de contar uma história à espera de ser contada.

Chegada

A obra de José Saramago começa a ser publicada no Brasil no final de 1982 com um livro saído em Portugal havia dois anos e com o qual o autor angaria o primeiro prêmio literário relevante numa carreira um tanto irregular e principiada ainda na juventude. A notícia de sua estreia neste país aparece em tímidas notas nos principais jornais do eixo Rio de Janeiro-São Paulo. No caderno *Ilustrada*, da *Folha de São Paulo*, de 24 de dezembro deste ano, a obra é descrita como sujeitada “a um modelo formal de literatura engajada” e uma oportunidade para que os leitores conheçam “o mundo rural português, com todas as misérias de que é composto: o analfabetismo, a fome, a ignorância dos rumos pátrios, a insignificância diante das autoridades” (*Ilustrada* 1982, 22); no carioca *Jornal do Brasil*, quatro dias antes, uma nota apresenta o tal livro como “um romance sobre os problemas sociais de uma pequena aldeia, com o qual Saramago recebeu o Prêmio Cidade de Lisboa 1981” (*JB* 1982, 6). E em *O Globo*, de 22 de setembro de 1982, uma nota do jornalista Carlos Menezes noticia o lançamento do romance pela Difel de “um dos mais importantes escritores portugueses da atualidade” (Menezes 1982, 28); dois meses depois, também a 24 de dezembro de 1982, uma nota no mesmo impresso descreve o livro como “a narrativa da vida de uma família de trabalhadores rurais (os Mau-Tempo) da região do Alentejo, no sul de Portugal, em cujos limites se passa o enredo, desde o começo do século até logo após o 25 de Abril” e acrescenta-se que o seu autor “tece um painel da burguesia fundiária, à medida que vai compondo a biografia dos Mau-Tempo, e da própria história do país no século XX” (Menezes 1982, 24)².

Mas, para uma certa parte do público leitor deste país (pequeníssima, irrelevante, talvez), se o romance era novidade, o nome do escritor não era totalmente estranho. No início da década anterior, vez ou outra, José Saramago se faz referido. No *JB*, por exemplo, em 1972, sai uma nota sobre o quarto número da revista portuguesa *Contravento*, publicada em dezembro do ano anterior com texto dentre outros autores, de José Saramago: o poema “Os mais velhos”, conforme podemos descobrir em consulta à referida publicação, nunca incluído por ele na sua *Poesia completa* e mesmo esquecido³; no mesmo ano, Saramago é citado ao lado

² Na verdade, o arco temporal da narrativa se expande desde as origens camponesas de Portugal, avança detidamente sobre os difíceis anos de opressão salazarista até alcançar o dia levantado e principal, o da Revolução dos Cravos. Num plano simbólico esse tempo é imemorial e em devir, primeiro, porque a gênese encontra-se na nebulosa de um imaginário, segundo, a luta dos simples e espeznados e suas histórias constituem a comunhão total das gentes que, em qualquer parte, colocaram em funcionamento, com sua força, o motor da própria História.

³ Na edição n. 6 da revista *Blimunda*, José Miguel Correia Noras, em “À maneira de epílogo”, comenta sobre o reencontro de José Saramago com o texto aparecido nesta edição de *Contravento*: “Curiosamente, naquele dia 10 de Dezembro de 1982, mostrei a José Saramago um exemplar da

de João Gaspar Simões e Fernando Namora como um dos leitores relevantes que elogiaram *Sedução*, o livro de estreia de José Marmelo e Silva recomendado na seção de “Novidades literárias”; no ano seguinte, o mesmo JB menciona a tradução realizada por ele para *Der Funke Leben* (Centelha de vida), de Erich Maria Ramarque e que sai em seu país um ano depois (Publicações Europa-América, 1955) da tradução brasileira de Beatriz Sylvia Romero Porchat (José Olympio, 1954); ou ainda, a menção, a 31 de março de 1979, do escritor brasileiro Nei Leandro de Castro sobre *Objecto quase* em artigo que questiona uma afirmação então recorrente (talvez até hoje) de que depois da ditadura salazarista se descobrira vazias as gavetas dos escritores portugueses.

Mas, é ainda a 26 de maio de 1980 que o nome do escritor se apresenta como o autor de *Levantado do chão* ou *Levantando do chão*, como se registrará equivocadamente nesta e nas outras vezes quando mencionada a chegada desse livro aos leitores brasileiros. Na seção de notas “Livros”, em “Letras Portuguesas”, do jornal *O Globo*, o jornalista Carlos Menezes noticia a publicação em Portugal deste romance “que relata a luta dos trabalhadores alentejanos contra os latifundiários” (Menezes 1980, 22). Outra vez se diz que o enredo se situa “entre os começos do século XX e o 25 de abril”. Se não a primeira ocasião, uma delas, em que se noticia a obra literária que faria José Saramago conhecido no Brasil. E já aqui é possível presumir dois motivos para essa escolha editorial: o romance estabelece estreitamentos com a chamada Literatura de 1930, um período de expansão do romance no país ao ponto de compor um das matrizes do neorealismo em Portugal; além disso, há mais de uma década, os leitores estavam familiarizados e manifestavam ampliado interesse por *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez, obra que a imprensa utilizará mais tarde quando precisar investir em novas apresentações de *Levantado do chão*⁴.

Em São Paulo, o nome José Saramago é citado entre a leva de escritores contemporâneos talvez desconhecida mesmo entre os círculos especializados

revista *Contravento* (o nº 4, de Dezembro de 1971), juntamente com as obras que levava para autografar. ‘Eu não escrevi nada aí!’ Porém, aberta a *Contravento*, na página 37, lá estava um bloco de ouro em poesia, “Os mais velhos”. ‘Eu não tenho isto. Já nem me lembrava. Não me mandaram a revista.’, concluiu José Saramago.” (Saramago *apud* Noras 2012, 70)

⁴ Especificamente sobre as relações entre *Levantado do chão* e a Literatura de 1930, que não foram meramente fruto de suposições midiático-jornalística, chamo atenção para o texto “Marcas da Literatura Brasileira de 1930 na obra de José Saramago”. Apresentado em 2014 no âmbito do VII Colóquio do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras, do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro; o texto encontra-se disponível nas atas deste evento. Sobre as relações entre o romance de Saramago e *Cem anos de solidão*, o texto “Une lettre que l’on envoie au loin: José Saramago et Gabriel García Márquez”, de Sara Grünhagen, apresentado durante o Colóquio Internacional José Saramago: criação, diálogo e crítica, em 2022, em Paris, e recolhido em edição especial da revista *Reflexos* (no prelo).

numa resenha de Wilson Brunel Meller sobre “Por uma literatura de combate”, de José Manuel Mendes (Bertrand, 1975), publicada no *Suplemento cultural* de *O Estado de São Paulo* a 5 de fevereiro de 1978; no mesmo jornal, sem qualquer referência ao ofício de escritor, Saramago aparece entre as personagens da crise levantada na mídia jornalística portuguesa com o levante revolucionário do 25 de Abril — designada como “processo de sovietação” da imprensa portuguesa, João de Almada, correspondente de *O Estado*, se refere à nomeação de “dois profissionais decentes” para o *Diário de Notícias*, “que sempre foi uma espécie de órgão oficioso do governo marcelo-salazarista”: descreve-se o novo par de diretores, Luís de Barros e José Saramago como “de clara obediência soviética” e sobre o segundo acrescenta que é “militante comunista mas não um profissional de imprensa” e que, “ao tomar posse fez um discurso no qual, dispensando os circunlóquios, advertiu logo a redação de que deveria abandonar imediatamente o jornal quem não estivesse de acordo com as suas ideias” (Almada 1975, 16), isto é, de alguma maneira chegou até nós algum eco das raízes da polêmica crise que Saramago enfrentaria mais tarde sob acusação de favorecer a expulsão deste jornal para mais de duas dezenas de jornalistas não signatários da nova linha ideológica em vigor. Estamos a 25 de maio de 1975.

Em meados de 1982, o jornal *O Estado de São Paulo*, numa sequência de matérias preparada por Cremilda de Araújo Medina, intitulada “Escritor Português Hoje”⁵, chega-se a mencionar por duas vezes José Saramago e alguns dos seus trabalhos, entre eles, o romance com o qual estrearia neste país: na edição de 16 de maio e na de 13 de junho. Na segunda matéria, “A literatura dará corpo a este continente à deriva”, intitulada a partir de uma expressão do próprio Saramago, mais da metade da página se desenvolve em torno da primeira literatura romanesca saramaguiana com excertos de uma entrevista, o que se completa, páginas adiante, com uma significativa nota biográfica e um excerto de *Levantado do chão* intitulado com cores a Gabriel García Márquez “João Mau-Tempo morre hoje”. Possivelmente, este foi o primeiro maior destaque oferecido ao escritor no país, que desde então, apesar das muitas intrigas do futuro, não mais fecharia as portas para o seu trabalho.

Embora a ideia de um escritor que se fez tardio prevaleça, o texto de Medina noticia a intensa atividade e prática literária em frentes das mais diversas: sabemos do poeta, do cronista, do crítico, do contista, da sua dramaturgia, do livro de viagens, do tradutor, algumas vertentes que nem mesmo depois de enorme

⁵ Parte desses textos foi reescrita e deu origem a *Viagem à literatura portuguesa contemporânea* (Nórdica), livro apresentado na mesma ocasião da chegada de *Memorial do convento* (Difel) ao Brasil, quando José Saramago visita pela primeira vez este país, em setembro de 1983, conforme registra Fernando Gómez Aguilera (2010).

receptividade da obra se fez pública para os leitores brasileiros. Por esse material sabemos melhor sobre a oficina do escritor, como se dedica a escrever *Memorial do convento* e como se envolveu com o Alentejo “até dominar todo um quadro, uma operação em que ia macromizar uma superfície microscópica” (Medina 1982, 32) resultada em *Levantado do chão*. Muito do conteúdo desse artigo será continuamente repisado nas matérias seguintes: a relação entre literatura e história ou as implicações do chamado romance histórico e da Nova História; as projeções acerca da literatura portuguesa e dos principais nomes da cena a qual pertence; da sua itinerância pelos diversos territórios do literário; da constituição do um estilo inusual; da notada influência do que se classifica como um *neorrealismo anacrônico*⁶.

No ano seguinte, por exemplo, numa das poucas matérias sobre *Levantado do chão* na imprensa depois da sua chegada ao Brasil — sua recepção nos jornais, aliás, é um tanto fria e inexpressiva — recupera-se exatamente os estreitamentos da ficção saramaguiana com o conteúdo da saga familiar, associando-o ao Gabriel García Márquez de *Cem anos de anos de solidão*; nesta ocasião, José Saramago é apresentado como “O descobridor do Macondo Português”. Nesta entrevista com Araújo Netto para o *Jornal do Brasil* de 21 de maio de 1983, também os temas de referência na matéria de *O Estado de São Paulo* retornam e a eles se acrescentam além do primeiro convívio com a nossa literatura através de Jorge Amado, Orígenes Lessa, Erico Verissimo, João Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Machado de Assis, Raul Pompeia e da literatura hispano-americana, da qual destaca Lezama Lima, Octávio Paz, Juan Carlos Onetti, Jorge Luis Borges, Gabriel García Márquez, Alejo Carpentier, entre outros, os impasses da identidade portuguesa em relação ao continente europeu, isto é, os sinais de um tema caro à literatura de Saramago que daí a alguns anos resultarão no romance em *A jangada de pedra*, um livro que assinala a estadia definitiva da obra do escritor português em terras brasileiras, ainda que alguma relação com o realismo maravilhoso só venha se observar com alguma atenção pela referência epigráfica a Alejo Carpentier, uma vez que o tema e o conteúdo desse romance prenda a primeira atenção da crítica primeiramente nos estreitamentos com o ambiente histórico e político de um Portugal às portas de integrar ou não a União Europeia, influências,

⁶ Durante esse primeiro momento a obra de José Saramago foi lida no Brasil (não apenas pelo jornalismo cultural) como devedora ou mesmo continuadora tardia do neorrealismo português. A crítica Vilma Arêas em texto assinado para o caderno *Ilustrada*, do jornal *Folha de São Paulo* no qual comenta os romances *Aparição*, de Vergílio Ferreira e *Cerromaior*, de Manuel da Fonseca, descreve *Levantado do chão* como o ponto alto “da experiência neo-realista” (Arêas 1983, 41). Mais tarde, alguns dos principais manuais de literatura portuguesa tratados como bibliografia básica nos cursos de Letras brasileiros, assim se referiam ao escritor que chegava ao Brasil; dois exemplos são *A literatura portuguesa*, de Massaud Moisés, e *Iniciação à literatura portuguesa*, de António José Saraiva.

talvez herdadas dos romances que aqui chegaram no recorte temporal ora proposto e muito ao gosto do tipo de leitor brasileiro.

Em *José Saramago. La consistencia de los sueños*, Fernando Gómez Aguilera informa que, em dezembro de 1982, Saramago recebe dois exemplares da edição brasileira de *Levantado do chão*. A informação, segundo refere, é coletada a partir de uma carta enviada por Saramago ao seu editor na qual lamenta que o livro tenha saído sem o previsto glossário em que se explicaria determinadas particularidades vocabulares do português de Portugal não acessíveis ao leitor brasileiro e solicita cópias de jornais sobretudo do Rio de Janeiro como parte do levantamento de materiais para a composição de *O ano da morte de Ricardo Reis*, o livro no qual está envolvido com a escrita. Aguilera (2010) especifica então que o romance da saga dos Mau-Tempo se publica um mês antes, mas pelas datas das notas nos jornais aqui referidos, incluindo dois dos principais veículos paulistanos, onde está sediada a Difel, um braço da editora Bertrand que faz chegar a este lado do Atlântico a obra saramaguiana, é possível atestar que *Levantado do chão* ganhou forma mesmo em dezembro e não antes.

Outro detalhe importante é que neste ano ainda não sairá no Brasil, como informa Aguilera, *Viagem a Portugal*; a Difel publicará apenas mais um romance do escritor, *Memorial do convento*, nove meses depois de *Levantado do chão*. Na grande imprensa do eixo Rio-São Paulo, entre o recorte temporal aqui analisado, sequer encontramos algum registro de expectativa sobre uma edição brasileira para a *Viagem*, apenas para *Manual de pintura e caligrafia* (cf. nota Mário Pontes em “Portugueses que os brasileiros vão ler”, *Caderno B*, do *Jornal do Brasil*, de 23 de março de 1984), publicação que também não se confirmará. Para não dizer que nada sabíamos sobre o primeiro livro, o mesmo *JB* trouxe na edição de 11 de maio de 1988 um texto de Cora Rónai sobre *O ano da morte de Ricardo Reis*, aqui destacado como uma opção interessante para o leitor-viajante interessado em verificar a geografia lisboeta transpondo o território da ficção e, no mesmo limite da noção do guia de viagem, a resenhista nos informa sobre *Viagem a Portugal* como um livro à venda no Rio de Janeiro; mas a edição é da Editorial Caminho — importada, portanto. Ainda neste ano, o mesmo jornal publica um novo excerto de *Viagem*, agora como parte da matéria “Estrangeira, mas tão familiar”, em 24 de agosto de 1988, sobre a abertura de Portugal para o turismo.

Ou seja, até o final de década de 1980, José Saramago será, no Brasil, apenas o autor *Levantado do chão* e de *Memorial do convento*. É verdade que o escritor participa de sessões de apresentação de *O ano da morte de Ricardo Reis* e de *A jangada de pedra* neste país, em eventos circunscritos ao ambiente acadêmico, onde desde 1983 estabelece profícuo e bom trânsito, ou em livrarias, mas, as edições desses livros que circulam nesse estrito eixo não são próprias como se afirma em *José*

Saramago. La consistencia de los sueños e sim as edições portuguesas numa época quando vários livreiros eram a ponte entre os dois países. Esse escasso cenário só começa a se modificar a partir de 1988, quando, sob a tutela de Luiz Schwarcz, da nova casa Companhia das Letras, chegam os livros em atraso por aqui e, a partir do ano seguinte, as publicações dos novos livros de José Saramago se organizam simultaneamente, em Portugal e no Brasil, um feito então inédito e até agora raro nos feitos das relações editoriais.

Ao que parece, até então, mesmo regime de distribuição dos livros já publicados é bastante limitado ou comprometido; o jornalista, escritor e crítico José Nêumanne Pinto, por exemplo, registra a sentida ausência da obra de José no Brasil em texto para o *Caderno B* do *Jornal do Brasil* de 14 de março de 1986. Ao falar da ausência da obra recente, *O ano da morte de Ricardo Reis*, o crítico refere que o “livro maior, o romance *Memorial do convento*, é escassamente encontrado em livrarias por aqui, à exceção das especializadas em livro português, como a Camões, no Rio, e a Gil Vicente, em São Paulo” (Pinto 1986, 2). É apenas com a circulação pela nova casa editorial que os livros de Saramago passam a quase onipresença na imprensa brasileira, com resenhas, e sobretudo entre recomendações, referências e mantendo-se nas principais listas de mais de vendidos. Antes, apesar da baixa distribuição, alguma repercussão se percebe com *Memorial do convento*, um romance que, se não repete aqui um interesse da imprensa cultural, acompanha proximamente o reconhecimento público vivido no seu país⁷; dois anos depois, o livro alcança em Portugal, a décima segunda edição conforme registra Fernando Gómez Aguilera (2010); no Brasil, em mesmo tempo, a sexta (conforme noticia o caderno *Ideias*, do *Jornal do Brasil* a 15 de outubro de 1988 quando publica este número do suplemento cultural com larga matéria

⁷ Em matéria de Lina Albuquerque por ocasião do lançamento de *A jangada de pedra* no Brasil pela Companhia das Letras em 1988, saída no *Caderno B*, do *Jornal do Brasil* de 27 de abril de 1988, quando se anuncia alguns acontecimentos que se tornariam comuns a partir de então, como a publicação em simultâneo da obra de José Saramago em Portugal e no Brasil — algo que se inicia com *História do cerco de Lisboa* no ano seguinte e resultará na decisão pelo lançamento mundial neste país de *A viagem do elefante* em 2008 — o escritor atribui o sucesso de *Memorial do convento* entre os leitores brasileiros à recomendação de Millôr Fernandes aparecida no *Jornal do Brasil* de 5 de agosto de 1986 que dizia: “Excelente o livro de García Marques [sic], *Amor em tempo de cólera* [sic]. Definitivo porém é *Memorial do Convento*, do português José Saramago” (Fernandes 1986, 11, grifo do autor). Este jornal costumava publicar o que personalidades da sociedade estavam lendo e recomendavam. *Memorial do convento*, além de figurar longo período entre as listas dos livros mais vendidos desde sua publicação, também costumava aparecer com reiterada frequência entre as indicações de leitura dessas personalidades. A menção de Millôr Fernandes, entretanto, aparece no seu espaço, na seção *Opinião*, do *JB*. Foi a partir dessa nota que os dois escritores se conheceram no ano seguinte; parte de uma longa conversa desse encontro foi apresentada numa entrevista publicada no caderno *Ideias*, do mesmo *JB*, edição do dia 11 de outubro de 1986.

dedicada à chegada de *O ano da morte de Ricardo Reis* pela Companhia das Letras)⁸. Isto é, pode-se pressupor é com este livro que então se inicia alguma popularização do escritor fora dos grandes centros culturais do Brasil, mas precisará de uma década para que isso verdadeiramente se confirme.

Rara exceção é o texto de Leonor Xavier sobre *O ano da morte de Ricardo Reis* publicado no *Jornal do Brasil* no mesmo dia quando o escritor participa na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro ao lado de Vasco Graça Moura e Óscar Lopes de uma discussão sobre o panorama da literatura portuguesa contemporânea — isso no dia 4 de novembro de 1984. Concebida nesse instante de limbo do romance saramaguiano no Brasil, “José Saramago de parceria com o leitor, um moderno romance português” é, possivelmente, a primeira matéria na imprensa brasileira: atenta ao jogo verdade/ mentira instaurado pela narrativa que redivive Fernando Pessoa ao convívio final da sua única criatura pendurada na eternidade, Ricardo Reis; examina a ficção do absurdo, situada ao tempo *post-mortem*; como o romancista engendra a psicologia de seu protagonista, atentando, ajudada pelo diálogo com Saramago, para o confronto entre a filosofia de vida e concepção poética do heterônimo pessoano e o conteúdo da história no qual está envolto, o da terrível noite que se abre sobre a Europa; ou ainda como a literatura subverte as diretrizes uma vez já subvertidas da própria literatura.

Apesar de *Memorial do convento* galgar um lugar de excelência entre os mais vendidos nesse instante de chegada ao Brasil, o silêncio da crítica nos jornais é ainda maior que a frieza da recepção do primeiro livro. E, por citar a presença de *Levantado do chão* na imprensa jornalística brasileira, antes da entrevista em maio de 1983 no *Jornal do Brasil* e depois da cuidadosa matéria de Cremilda de Araújo Medina atenta à *formação* da literatura saramaguiana no diverso e amplo contexto da literatura portuguesa contemporânea, registra-se a primeira e talvez a única resenha sobre *Levantado do chão* no período histórico agora em análise. Em “Um romance português fora do tempo”, no caderno *Ilustrada (Folha de São Paulo*, 16 de janeiro de 1983), Ronaldo Antonelli descreve a prosa de Saramago como afetada pelas imposições da censura do Estado Novo; ignorando se José Saramago é filiado ao Partido Comunista Português, descreve o romance então comentado como “uma pequena obra-prima do que se chamou um dia o realismo socialista” e

⁸ O jornal *O Globo* de 14 de dezembro de 1986, um dos poucos que noticia a publicação de *A jangada de pedra* então, anuncia que *Memorial do convento* estava na décima sexta edição (45), dado questionável, da mesma maneira que a informação segundo a qual *A jangada* era apresentada no Brasil pela mesma casa editorial que publicara *Levantado do chão* e *Memorial do convento*. Não há registros que a Difel tenha publicado *A jangada* e uma décima sexta edição do *Memorial* só se registrará depois de 1995, quando este romance e *Levantado do chão* saem pela Bertrand Brasil. Os dois livros, aliás, só passarão ao domínio da Companhia das Letras em agosto de 2013.

compara-o a Mikhail Sholokhov ou ao Jorge Amado dos tempos de *Cacau* ou *Suor*, “com a diferença de que não tem seu bom humor ou seus rasgos descritivos” (Antonelli 1983, 53), isto é, reintegrando o romance saramaguiano a certo interesse (ou gosto) de sempre do leitor brasileiro pela literatura de apelo ou expressão social, com um detalhe, uma crítica, em parte, inconsistente; se em *Levantado do chão* falta o humor, não são escassos os “rasgos descritivos”.

Ao apelo social-realista, que poderia segundo o jornalista classificar a literatura do autor como nas categorias por ele criadas de “realismo fotográfico” ou “realismo biográfico”, visto que, desenvolve personagens arquetípicas, destituídas do “mais elementar traço de psicologismo”, ele acrescenta alguns dos outros elementos que marcariam definitivamente as leituras seguintes da obra desse escritor no Brasil: um narrador que Antonelli (1983) designa como o benjaminiano “contador de história”, ou o “permanente, moralista e constante fornecedor de conselhos ao leitor”, ou ainda, “palpiteiro narrador, que no final chega a identificar-se com os personagens” para outra vez regressar à ideia de um escritor atrasado em relação aos modelos literários vigentes, dada sua tentativa de ressuscitar em plena década de 1980 “uma escola sepultada ao fim da Segunda Guerra Mundial no resto da Europa” (Antonelli 1983, 53), colocando José Saramago como um escritor, na sua contraditória leitura, inferior a outros autores do neorrealismo, como um Fernando Namora que publicava entre os leitores brasileiros no mesmo ano *O rio triste*, ainda que este também não deixe de ser filiado ao mesmo modelo criativo que, segundo o articulista, já enfastiara outros paladares há muito tempo.

Vem do Rio de Janeiro, de onde é possível dizer que melhor se consolida a primeira recepção da obra de Saramago, a notícia da publicação de *Memorial do convento*⁹. Sempre que se vislumbra a chegada do *Memorial*, registra-se o reconhecimento repentino do livro: a 15 de setembro, quando se fala sobre a vinda de José Saramago e de outros escritores portugueses para um encontro em São Paulo, diz-se que o romance ora por chegar encontra-se àquela altura, em Portugal, na terceira edição; outra ênfase recai sobre a presença da personagem brasileira e histórica do padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão (*Jornal do Brasil*, 15 de setembro de 1983, 2), refigurada pela ficção saramaguiana.

⁹ Uma noção disso se registra pelas visitas seguidas do escritor a esta cidade para conversa sobre sua obra em curso, mais as recomendações e as presenças nas listas dos mais vendidos, ou o breve retrato colhido pelo *Jornal do Brasil* a 5 de março de 1988 sobre a predominância de pesquisas no mestrado em Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro sobre José Saramago e escritores africanos de língua portuguesa. É válido lembrar que sai desse agrupamento o pioneiro *José Saramago entre a história a ficção, uma saga de portugueses*, de Teresa Cerdeira — pesquisa que cimenta as bases dos estudos saramaguianos.

O jornal *O Globo* também apresenta uma nota sobre a chegada do *Memorial*, mas o articulista Carlos Menezes ressalta o ponto de origem do romance, o interesse do escritor, que em passagem por Mafra, “pequena cidade a 40 quilômetros de Lisboa, conhecida pelo seu majestoso convento”, “sentiu que gostaria de colocar ‘tudo aquilo’ num romance [...] que recordasse os 40 mil homens que levantaram a duras penas, aquele monstro de pedra que desde criança lhe aguçava a curiosidade.” (Menezes 1983, 28); a mesma nota sublinha passagens do texto de orelha do livro redigido pelo então popular escritor brasileiro José J. Veiga que destaca a competência de Saramago em “escrever histórias aparentemente reais mas inventadas com tanta competência que depois de lidas passam a ser reais e a fazer parte da longa e sofrida experiência humana” (28). Sempre reconhecido como um autor do realismo mágico, a referência a Veiga flertava com aquela outra linha que a crítica jornalística estabelecera como receptiva para o leitor brasileiro — a ficção de Gabriel García Márquez.

No caderno *Ilustrada*, da *Folha São Paulo*, a notícia do segundo romance que assinala a chegada de José Saramago ao Brasil é dada no exato dia de sua apresentação no Centro Cultural São Paulo. O jornal destaca em nota não assinada “Livros para todos os gostos” o evento coletivo que inclui ainda José Cardoso Pires, que publicava *Balada da praia dos cães*, João Alves das Neves (*A imprensa de língua portuguesa no mundo*) e Cremilda Medina (*Viagem à literatura portuguesa contemporânea*) e ressalta que o *Memorial do convento* “nos conta, em romance, um pedaço da história de Portugal contida no convento de Mafra” (*Ilustrada* 1983, 29). E nada mais.

A matéria que melhor atenta para a recepção do *Memorial do convento* aparece três dias antes não assinada em *O Estado* em “Saramago, memorial que quer transcender o tempo”, inciso da reportagem “Literatura portuguesa em debate” que atenta para o Encontro de Escritores Portugueses realizado em São Paulo e uma série de outras atividades no sudeste do Brasil reunindo uma comitiva com nomes que incluía ainda, entre outros, Alexandre O’Neill, António Lobo Antunes, Isabel da Nóbrega e Lídia Jorge. Ouvindo José Saramago sobre temas como a literatura portuguesa sua contemporânea ou sobre os rumos da forma romanesca pela negação da ideia de seu fim cravado pelo *Ulysses*, de James Joyce, a breve matéria assinala que o livro em pauta — e é o próprio escritor quem discorre — é fruto da sua errância por compreender a força bruta de milhares de homens sepultada na construção da megalomania de um rei, “graças à exploração do ouro e dos diamantes do Brasil” (*O Estado* 1983, 17); Saramago comenta sobre o encontro numa “época de grande luxo, grande corrupção, ignorância e superstição em Portugal” (17) com outras figuras históricas que povoam a narrativa do *Memorial*, citando o padre e inventor brasileiro Bartolomeu de

Gusmão e o músico italiano Domenico Scarlatti; a matéria finaliza com a percepção saramaguiana sobre contar essa história — “estou falando, num outro nível, do meu país hoje” (17). E associa-se a Marguerite Yourcenar de *Memórias de Adriano* e *A obra em negro*, quem recorda como autora de uma das epígrafes do livro em questão: “talvez, neste momento, estejamos procurando emendar a História, apesar do atrevimento” (17). E acrescenta: “Não se trata de emendar erros, mas fazer História de uma outra maneira. É como se alguém tivesse contado uma história errada, e eu”, diz, “sem saber qual a verdadeira, tentasse recontá-la pelos meus próprios meios, desconhecendo, ainda, se é a verdadeira. Mas é outra, e é necessária” (17).

Mas, se compararmos as recomendações e a presença contínuas do livro nas listas de mais vendidos, as resenhas são escassas e tardias. Entre o ano de publicação e o final da década em recorte, nos principais jornais do eixo central do Brasil, saem outros dois textos, ambos veiculados na imprensa carioca. O primeiro é uma tímida anotação assinada por Antonio Alvarez para o jornal *O Globo* de 9 de outubro de 1983, menos de um mês após a publicação do romance; nele, o articulista descreve *Memorial do convento* como um livro que “trata diretamente de 70 anos da vida portuguesa a partir do começo do século XX” (Alvarez 1983, 5). A afirmativa errada é a apenas o primeiro problema de um texto em que a apreciação do *Memorial* parece se confundir com a do *Levantado do chão* ou nem mesmo isso. “Mas se vale” — continua — “de uma família rural (20 ou 30 personagens principais que comandam a ação narrativa), iniciada no século XV, quando um nobre alemão recebe do rei de Portugal umas terras para cultivar” (5). A nota é extremamente mal desenvolvida: aposta num tratamento autobiográfico; entende o romance como parte de “um processo artístico” que deu a conhecer obras como *Casa grande e senzala*, de Gilberto Freyre e *Os sertões*, de Euclides da Cunha. E, quase nada se diz sobre *Memorial*: apenas nos dois parágrafos finais. O primeiro trata o convento de Mafra como “um fantasma de pedra’, uma espécie de monstro, e não apenas, como contaria a história convencional, o imponente monumento, fruto da promessa de João V, se lhe nascesse um herdeiro” (5). E o segundo, qualifica o romance de “Barroco, na linha de um Gabriel García Marques [sic] ou de um Guimarães Rosa” (5). Ou seja, entre a ausência de crítica e a pretensão, em casos como esse, o silêncio é mesmo uma dádiva. O mérito do interesse pelo livro continuou sendo obra do próprio romance e dos seus leitores.

O segundo texto se publica quando era possível encontrar outros quatro romances do escritor publicados no Brasil país — num tempo que podemos designar como o do *estabelecimento*. É apenas na agitação posterior da chegada de outros dois livros e do feito das publicações simultâneas da obra de Saramago em Portugal e no Brasil que se publica a leitura mais atenta sobre o *Memorial do convento*; “O peso da pedra, a leveza do ar” sai a 15 de abril de 1989, no caderno

Ideias, no *Jornal do Brasil*, e está redigida pelo jornalista e escritor Hélio Pólvora. O texto se concentra na passagem de descrição do transporte de uma enorme pedra levada por homens e bois num delicado e sofrido trajeto entre Pêro Pinheiro e Mafra; o episódio épico na sua dimensão é lido aqui pelas lentes de uma reescritura do mito de Sísifo, com a chave da subversão: se o sofrimento ata as duas narrativas, no segundo caso, parece prevalecer qualquer coisa de compensação quando da sobreposição de outra metáfora, a do ar.

O texto de Hélio Pólvora atenta para o trabalho de José Saramago com a linguagem, pela observação da frase “longa, sinuosa, resvaladiça, cheia de nós e rebentos” (Pólvora 1989, 11) e com a revisitação da tradição das histórias de amores contrariados, pensando-se no enlace pecaminoso aos olhos do poder dominante entre uma mulher de estranhos poderes e um soldado inválido da guerra captados pelo sonho do amalucado inventor Bartolomeu Gusmão. Embora se note a ausência de outras leituras na imprensa brasileira sobre o *Memorial*, podemos afirmar que neste caso, seis anos depois da publicação do romance, começa a se valorizar outros limites da ficção saramaguiana, especificamente aqueles que deixam a superfície do tecido narrativo pela sua profundidade, lendo o texto enquanto potência de sentido; quer dizer, percebe-se a primeira dimensão, a crítica aos auspícios do poder e do trabalho submetido, a construção do convento de Mafra, mas percebe-se ainda como a narrativa saramaguiana desmancha o histórico ao introjetar nessa superfície a necessária dimensão fabular, o contrapeso só possível pela leveza da imaginação.

É a partir daqui que se instauram novos rumos para a recepção da obra de José Saramago no Brasil. Os primeiros frutos dos estudos saramaguianos começam a aparecer no ambiente acadêmico e a obra constitui a mina de ouro de uma editora recém-formada e interessada em expandir para outros limites do país que não o eixo da região Sudeste. É assim que os próximos livros — *A jangada de pedra*, *O ano da morte de Ricardo Reis* e *História do cerco de Lisboa* — garantiram, entre os leitores brasileiros, uma apoteose, em parte, incentivada por uma elevada quantidade de interesse na imprensa jornalística. O texto de Hélio Pólvora, aliás, é parte no tempo de sagração literária de Saramago neste país — um período sobre o qual poderemos descrever em ocasião oportuna.

Conclusão

A história da obra de José Saramago entre os leitores brasileiros pode ser estruturada em três momentos: o que aqui descrevemos como *chegada* se marca pelo predomínio de *Levantado do chão* e *Memorial do convento*; depois, um período que chamamos de *estabelecimento*, quando o restante dos seus livros começa a ser publicado no Brasil; e o período de *permanência* e *redescoberta*, uma vez que, desde o segundo estágio dessa recepção sua obra foi continuamente reimpressa e reeditada. A *redescoberta* em relação a este texto é um do tempo do porvir, porque a extensa parte da obra de Saramago que antecede *Levantado do chão* ainda permanece inédita, como toda sua poesia, parte das crônicas, e *Terra do pecado* (*A viúva*), o primeiro romance.

Cada fase dessa história pressupõe diferentes maneiras de recepção. Os suportes midiáticos se modificaram rapidamente enquanto avançou o declínio do jornal impresso e do fim dos cadernos culturais. O que aqui visitamos privilegiou o material jornalístico por duas portas de entrada das manifestações culturais vindas de fora neste país. Seguramente essas vias se revestem de outra importância, que é a proximidade entre jornal e os leitores. Mas, mesmo esse primeiro período de investigação merece se expandir por entre outros segmentos de publicação — como revistas e periódicos de cultura e literatura, mesmo os acadêmicos; nesse período, esses materiais eram escassos, mas neles sempre se costumaram expandir os conteúdos dos consumidores dos diários.

As fases seguintes dessa história são ainda mais complexas porque coincidente com o investimento na divulgação da obra de José Saramago por uma grande casa editorial está a dinamização dos suportes de crítica literária, a formação dos interesses de pesquisa acadêmica nas mais variadas instituições nos 27 estados do Brasil e o acontecimento que inflacionou essa expansão e que assinala o instante entre o segundo e o terceiro momento aqui discriminado, o Prêmio Nobel de Literatura em 1998.

No curso atual, escrever essa história pressupõe entrar na Conservatória Geral de *Todos os nomes*, esse espaço que se organiza em infindáveis corredores, possivelmente nunca mapeáveis sem um esforço coletivo capaz de unir pesquisadores de várias partes do país. Ou seja, o que aqui se discorreu foi a parte de um nicho à entrada da conservatória. A partir dela é possível, entretanto, estabelecer algumas primeiras conclusões interessantes, seja uma noção de como José Saramago rapidamente se incorporou na cultura literária brasileira até então limitada à massiva presença de Eça de Queirós e Fernando Pessoa, seja ainda como se formaram ou quais as bases dos primeiros interesses de leitura sobre sua obra, acrescentando-se a difícil tarefa de corrigir alguns dos equívocos não integralmente desfeitos, como o lugar-comum do escritor feito ao acaso na maturidade, algo viralizado pela voz do mercado. Quer dizer, o recorte é breve, mas as contribuições são muitas e significativas.

A primeira obra de José Saramago encontra entre os leitores brasileiros válido interesse pela predominância do modelo de romance que privilegia a dialética literatura e sociedade (seja no ambiente popular, seja entre os interesses acadêmicos) — basta citar a insuperável marca da chamada literatura de 1930, responsável pelas influências na literatura neorrealista portuguesa e depois na sua recepção no Brasil, como aliás, é lida a obra saramaguiana que aí chega ou o grande romance do Boom latino-americano. Nessa mesma linha, os interesses neste país, sempre colonizados pelo modelo cultural estadunidense, logo simpatizam um pouco adiante com outra recorrência, a do romance histórico numa matriz pós-modernista, tal como será lido *Memorial do convento* ou a predileção de Saramago pela revisitação da história.

É possível que a ausência quase integral da obra de José Saramago anterior ao seu romance de melhor projeção somada à sua consolidação tardia e mais ainda o domínio dos livros a partir de *Levantado do chão* tenham estabelecido no Brasil algumas percepções que só agora começam a ser revistas de maneira mais ampla entre os seus leitores e podem se consolidar uma vez fechado o terceiro ciclo de chegada da sua obra nesse país. A primeira dessas visões é a mencionada ideia de que a maturidade do escritor se mostrou pronta com o romance de 1980. Embora isso seja contestado desde muito cedo nos primeiros estudos sobre o período inicial da obra saramaguiana¹⁰, é visível a permanência dessa ideia.

Depois, certa ideia de um autor anacrônico em relação à literatura de seu tempo, pela recorrência de uma verve neorrealista, chave que se utilizará nas primeiras leituras de imprensa sobre *Levantado do chão*, o que parece se dever mais a uma aproximação pelas lentes dos modelos de domínio no próprio romance brasileiro e um desconhecimento das práticas literárias entre os escritores portugueses pós-1974. Esse equívoco parece desconstruído, seja pelas outras presenças do romance histórico, seja pela chegada dos conceitos de Nova História, ambos referidos com alguma recorrência na imprensa jornalística a partir do período de estabelecimento da obra saramaguiana no Brasil, que coincide, no ambiente acadêmico, com a aparição dos primeiros estudos críticos. Um deles, referido nos jornais¹¹, discorre sobre três dos romances da maturidade de

¹⁰ Um desses estudos é *O período formativo*, do brasileiro Horácio Costa. Resultado de sua tese de doutoramento, o livro publicado em Portugal ainda em 1997 só chegou ao Brasil algumas décadas mais tarde. O autor discorre acertadamente que todo o trabalho de experimentação escritural e poética desenvolvido por José Saramago antes de transformar a escrita em seu único ofício é o que culmina num percurso que se quer inaugural com *Levantado do chão*.

¹¹ Com o título “Uma bússola para Saramago”, a seção “Vida cultural”, do *Jornal do Brasil*, edição de 16 de dezembro de 1989, trazia nota sobre a disponibilidade na Livraria Camões, um dos raríssimos redutos que comercializava livros vindos de Portugal, da publicação da edição portuguesa de *José Saramago entre a história e a ficção* (Dom Quixote).

Saramago (*Levantado do chão*, *Memorial do convento* e *O ano da morte de Ricardo Reis*) e abandona as determinantes neorrealistas para compreendê-los à luz das inovações da Nova História francesa; chama-se *José Saramago entre a história e a ficção. Uma saga de portugueses*, de Teresa Cristina Cerdeira; foi a primeira tese de doutorado no Brasil sobre o escritor, embora o livro publicado em Portugal logo em seguida só tenha chegado do lado brasileiro mais de uma década depois.

A história da chegada de José Saramago ao Brasil — país de onde se formou um público interessado na sua literatura e de onde se sistematizou toda a primeira dinâmica dos interesses acadêmicos — ainda está por escrever, repetimos. Mas, qual sua *História do cerco de Lisboa*, o que aqui se apresentou quer se somar aos primeiros passos, para um dia, quem sabe, se aplainar equívocos. Por enquanto, é preciso continuar a construir um arquivo, levantar suas paredes. Enquanto biblioteca imaginária — para outra vez regressar a *Todos os nomes* e a Jorge Luis Borges, de quem rastreamos sua contínua presença neste e noutros romances de José Saramago —, sabemos, é um território sem fundo à vista.

Bibliografia

- Aguilera, Fernando Gómez. 2010. *José Saramago. La consistencia de los sueños*. Lanzarote: Fundación César Manrique.
- Albuquerque, Lina de. 1988. "Saramago vem com sua jangada". *Caderno B — Jornal do Brasil*, 27/04/1988, 6.
- Almada, João de. 1975. "'República" procede um poder totalitário". *O Estado de São Paulo*, 25/05/1975, 16.
- Alvarez, Antonio. 1983. "De Portugal, uma prosa de reflexão". *O Globo*, 9/10/1983, 5.
- Antonelli, Ronaldo. 1983. "Um romance português fora do tempo". *Ilustrada — Folha de São Paulo*, 16 de janeiro, 53.
- Arêas, Vilma. 1983. "Dois neo-realistas portugueses". *Ilustrada — Folha de São Paulo*, 25/12/1983, 41.
- Brizotto, Bruno; Zinani, Cecil Jeanine Albert. 2014. "A recepção crítica de José Saramago no Brasil". *Revista Desassossego* 6 (11): 103-112. <https://doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v6i11p103-112>
- Castro, Nei Leandro. 1979. "Em Portugal as gavetas estavam vazias?" *Livros — Jornal do Brasil*, 31/03/1979, 4.
- Cerdeira, Teresa Cerdeira. 2018. *José Saramago entre a história e a ficção. Uma saga de portugueses*. Belo Horizonte: Moinhos.
- Costa, Horácio. 2020. *O período formativo*. Belo Horizonte: Moinhos.

- Fernandes, Millôr. 1986. "Lendo dos jornais". *Opinião. Jornal do Brasil*, 05/08/1986, 11.
- — —. 1986. "Millôr entrevista Saramago". *Ideias — Jornal do Brasil*, 11/10/1986, 11-12.
- Ilustrada. 1982. "Livros novos". *Folha de São Paulo*, 24/12/1982, 22.
- Ilustrada. 1983. "Livros para todos os gostos". *Folha de São Paulo*, 23/09/1983, 29.
- Livros. 1982. "Romances de jagunços, do mar e da tropicana". *Caderno B — Jornal do Brasil*, 20/12/1982, 6.
- Livros. 1983. "História e fantasia no novo romance de José Saramago". *Jornal do Brasil*, 15/09/1983, 2.
- Medina, Cremilda de Araújo. 1982. "A literatura dará corpo a este continente à deriva". *O Estado de São Paulo (Escritor português hoje)*, 13/06/1982, 32.
- — —. 1983. *Viagem à literatura portuguesa contemporânea*. Rio de Janeiro: Nórdica.
- Meller, Vilson Brunel. 1978. "A literatura presente em Portugal". *Suplemento Cultural — O Estado de São Paulo*, 05/02/1978, 10.
- Menezes, Carlos. 1980. "Livros". *O Globo*, 26/05/1980, 22.
- — —. 1982. "As muito rápidas". *O Globo*, 22/09/1982, 28.
- — —. 1982. "Livros". *O Globo*, 24/12/1982, 24.
- — —. 1983. "No romance de Saramago, contada a história do convento de Mafra". *Livros — O Globo*, 21/09/1983, 28.
- Moisés, Massaud. 2008. *A literatura portuguesa*. 37 ed. São Paulo: Cultrix.
- Netto, Araújo. 1983. "O descobridor do Macondo português". *Caderno B — Jornal do Brasil*, 21/05/1983, 11.
- Noras, José Miguel Correia. 2012. "À maneira de epílogo". *Blimunda*, 6: 70.
- Novidades. 1972. "Livro". *Seleção do Mês — Jornal do Brasil*, 02/12/1972, 7.
- Panorama. 1972. *Caderno B — Jornal do Brasil*, 3.
- Perez, Renard. 1973. "Remarque, um front contra todas as guerras". *Jornal do Brasil*, 26/05/1973, 2.
- Pinto, José Nêumane. 1986. "Para português ler". *Caderno B — Jornal do Brasil*, 14/03/1986, 2.
- Pólvora, Hélio. 1989. "O peso da pedra, a leveza do ar". *Ideias — Jornal do Brasil*, 15/04/1989, 11.
- Pontes, Mário. 1984. "Portugueses que os brasileiros vão ler". *Caderno B — Jornal do Brasil*, 23/03/1984, 7.
- Rendeiro, Margarida. 2011. "Uma questão de *timing*: aspectos da consagração de José Saramago no Brasil". *Via Atlântica*, 1 (20): 23-37.
<https://doi.org/10.11606/va.v0i20.50785>

- Santos, Quênia Regina Matos dos. 2019. *José Saramago, do romance histográfico ao alegórico: a recepção de sua ficção*. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Letras Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Saraiva, António José. 1999. *Iniciação à literatura portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Saramago, José. 1971. "Os mais velhos". *Contravento*, 4: 37.
- A literatura portuguesa em debate. "Saramago, Memorial que quer transcender o tempo". 1983. *O Estado de São Paulo*, 20/09/1983, 17.
- Vida Cultural. 1989. "Uma bússola para Saramago". *Jornal do Brasil*, 16/12/1989.
- Xavier, Leonor. 1984. "José Saramago de parceria com o leitor, um moderno romance português". *Caderno B — Jornal do Brasil*, 04/11/1984, 1.

Pedro Fernandes de Oliveira Neto é professor na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). É autor de *Retratos para a construção do feminino na prosa de José Saramago* (2012). Coordena o Grupo Estudos Sobre o Romance. É pesquisador colaborador na Cátedra Internacional José Saramago (Universidade de Vigo). Dirige com Miguel Koleff a Revista de Estudos Saramaguianos.
Contacto: pedro.lettras@yahoo.com.br

Recebido: 20/03/2023

Aceito: 06/04/2023